

SANTIAGO NUNES RIBEIRO E O MINERVA BRASILIENSE

LUIZ ROBERTO VELLOSO CAIRO
UNESP-Assis

Brito Broca, em um artigo intitulado "Origens da crítica no Brasil", publicado em *A Gazeta* (SP), de 23 de maio de 1959, posteriormente reunido por Alexandre Eulálio, no volume *Românticos. Pré-românticos. Ultra-românticos. (Vida literária & Romantismo Brasileiro)*, considera que a crítica literária surge entre nós, pode-se dizer, na *Minerva Brasiliense*, com dois estrangeiros radicados no País – o francês Emílio Adet e o chileno Santiago Nunes Ribeiro – que foram seguidos de perto por Joaquim Norberto de Sousa e Silva. (Broca, 1959, p. 73)

Santiago Nunes Ribeiro veio para o Brasil, ainda criança, trazido por um tio padre, exilado por questões políticas e falecido logo depois. Sabe-se muito pouco a seu respeito. Passou a infância e se formou na cidade de Paraíba do Sul, na Província do Rio. Mais tarde, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou no comércio, lecionou em colégios particulares, foi professor de Retórica no Colégio Pedro II e escreveu no *Minerva Brasiliense*, tendo sido seu redator-chefe a partir do segundo ano de sua existência. Presume-se que tenha morrido ainda jovem, pois não se tem notícia de nenhuma publicação por ele assinada, após 1845. No entanto, em *Formação da literatura brasileira* (1971, v. 2, p. 391), Antonio Candido registra sua morte em Rio Preto, Província de Minas, no ano de 1847, acrescentando a informação de que tinha saúde frágil.

Sua obra é pequena e parece resumir-se aos textos publicados no *Minerva Brasiliense*, e ao discurso publicado em dois números de *O Mercantil*, do Rio de Janeiro.

O *Minerva Brasiliense* – Jornal de Ciências, Letras e Artes foi publicado, no Rio de Janeiro, por uma associação de escritores no curto período compreendido entre 1843 e 1845. Convém não confundir-lo com um periódico bi-semanário homônimo, de formato pequeno, que circulou na Bahia, entre abril e dezembro de 1821. O *Minerva Brasiliense* carioca era um jornal quinzenal publicado nos dias 01 e 15 de cada mês. Parece ter tido trinta e um números comportados em três volumes, que podem ser encontrados na Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, e na Library of Congress, em Washington DC.

O jornal teve duas fases.

Na primeira fase, cujo primeiro número data de 01 de novembro de 1843, era impresso na Tipografia de J.E.S. Cabral que ficava na rua do Hospício, nº 66, no Rio de Janeiro, teve como redator-chefe Francisco de Sales Torres-Homem. Este havia, anteriormente, criado junto com Domingos José Gonçalves de Magalhães e Manuel de Araújo Porto Alegre a *Niterói-revista brasiliense* (1836), considerada, juntamente com a *Revista da Sociedade Filomática* (1833), as primeiras revistas românticas publicadas no Brasil. Torres-Homem era mais ligado à economia e à política do que à literatura e talvez por isso tivesse abandonado a redação do *Minerva*, após o primeiro ano, tendo Santiago Nunes Ribeiro assumido o cargo de redator-chefe.

No jornalismo, Torres-Homem achava-se ligado a disputas políticas de *O Maiorista* (1841-1842) com Justiniano José da Rocha, diretor do jornal *O Brasil* (1840-1852), e porta-voz conservador que, tido por alguns historiadores como o nosso maior jornalista, teve o mérito de iniciar a *conjugação entre imprensa e literatura que se firma então* (Sodré, 1983, p. 183) e prossegue durante muitos anos entre nós.

No primeiro número do *Minerva Brasiliense*, Torres-Homem publica o artigo "Progresso do século atual", espécie de manifesto-programa onde exalta os avanços do século XIX nos diversos ramos do conhecimento humano, reconhecendo e proclamando como incumbência de sua geração trabalhar para a geração futura.

Apesar de seu apelo ser mais científico do que literário, é curioso que o jornal vá firmar-se mais na área das letras. Os literatos eram o sustentáculo do *Minerva Brasiliense*. Aliás o ensaio "Da nacionalidade da literatura brasileira", de Santiago Nunes Ribeiro, também publicado no primeiro número, provoca polêmica e acaba funcionando como um manifesto tanto da literatura romântica brasileira, quanto do referido jornal.

O periódico tratava de uma enorme variedade de assuntos: astronomia, medicina, botânica, zoologia, química, física, história e literatura. No ramo das ciências, colaboraram: Francisco Freire Alemão, Pedro de Alcântara Bellegarde, Cândido de Azevedo Coutinho e Emílio Joaquim da Silva Maia. Na parte literária, além de Francisco Sales Torres-Homem, Santiago Nunes Ribeiro e Carlos Emílio Adet, anteriormente citados, colaboraram: Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa, Antonio Francisco Dutra e Melo, Luís Antonio Burgain e Joaquim Manuel de Macedo, dentre outros.

Com o número 24, de 15 de outubro de 1844, termina a primeira fase do *Minerva Brasiliense*, que, na verdade, desde o número 22, de 15 de setembro daquele ano, já estava sob a orientação de Santiago Nunes Ribeiro.

No dia 15 de novembro de 1844, é publicado o primeiro número da segunda fase que irá compor o volume III.

O jornal passa a ser impresso na Tipografia Austral, situada, no Rio de Janeiro, no Beco de Bragança, nº 15, e sofre algumas reformulações na linha editorial, conforme se pode perceber na leitura do texto de Santiago Nunes Ribeiro, intitulado "Introdução", cujo *lead* é "Grandes fases da civilização brasileira: antecedentes e caráter dos progressos literários e sociais: jornalismo: novas vistas da *Minerva*, etc.":

Até o presente, neste como em outros países, o máximo número de leitores era o dos homens de letras, estudiosos, e as pessoas que sem o serem de profissão, haviam recebido uma educação literária. Hoje porém, além destas que tem em maior grau, o gosto da leitura se acha na parte sã de todas as classes, e singularmente nas duas mais úteis ao Estado, a dos negociantes e fazendeiros, pois que são como as artérias do corpo social nas quais gira a riqueza pública. (Minerva Brasiliense, 1844, III, 1, p. 2)

Bastante curioso este fragmento que, além de descrever o perfil do público leitor do jornal e o incipiente público leitor existente no Brasil, definindo inclusive o horizonte de expectativas do mesmo, acaba esboçando um retrato da elite brasileira daquele momento.

Entre as sensíveis reformas que ocorrem no jornal, destacaria a tentativa de, sem radicalismos, democratizar a informação, expressa numa manifesta intenção didática:

*Para estes, bem como para outros muitos leitores, a instrução deve ser mais recreativa que científica na forma, por que não lêem, como os homens de profissão, para entender o que há de geral e abstrato, isto é, de filosófico nas ciências, ou nas particularidades, aquilo que por ser técnico só interessa a quem estuda a ciência, ou exerce a arte. Isto posto, e sabido que o nosso fim é dar uma instrução sólida, substancial e divertida, os nossos leitores podem contar com artigos mais variados e recreativos que os da *Minerva* do ano findo, sem que porém se entenda que esta publicação vai descer tanto que se nivele com alguns Magazines, ou armazéns de notícias e descrições nimamente superficiais e populares. Tão longe estamos de querer tornar a *Minerva* em extremo democrática, que não duvidaremos inserir um ou outro artigo de ciência ou erudição, dos que interessam aos professores respectivos. (1844, III, 1, p. 2-3)*

Além disso, chamou-me a atenção, nesta segunda fase do *Minerva Brasiliense*, a criação da "Biblioteca Brasílica, ou coleção de obras originais, ou traduzidas de autores célebres", uma coleção de livros raros, resultado das reformulações propostas por Santiago Nunes Ribeiro, com o objetivo de proporcionar aos leitores do jornal a possibilidade de, nos números pares, adquirirem obras literárias por preços acessíveis. Neste sentido, diz ele:

*Observando a escassez de algumas obras e o preço exorbitante delas, entendemos conveniente dar em 12 números alternados da *Minerva*, reimpressões das ditas obras ou traduções de novelas, viagens, ou quais-*

quer outras que preencham nossos fins. Todas quantas pessoas temos consultado sobre esta idéia de um dos nossos colegas mais ilustrados e zelosos, lhe dão assenso e louvor sem restrição. Resulta disto que os nossos assinantes terão por 340 reis um volume de 56 páginas dos que se vendem por 1\$000 a 2\$000 nas livrarias. (1844, III, 1, p. 3)

O texto introdutório da "Biblioteca Brasílica", de autoria de Santiago Nunes Ribeiro, tem uma epígrafe adequada às intenções da publicação:

Après avoir nivelé les droits, il faut niveller autant que possible, les intelligences.

Infelizmente, até o presente momento, não tive acesso à "Biblioteca Brasílica", a não ser através de referências de Hélio Lopes, em *A divisão das águas* (1978) e Ivan Teixeira, em *Obras poéticas de Basílio da Gama* (1996). Neste último, há pistas de que os exemplares da "Biblioteca Brasílica" acham-se, em São Paulo, no acervo de Rubens Borba de Moraes, hoje, pertencente à biblioteca particular do Sr. José Mindlin.

De acordo com Hélio Lopes, na Introdução, Santiago Nunes Ribeiro argumenta que:

(...) o povo não pode exercer os seus direitos constitucionais, se vive na ignorância. Só um povo instruído estará capacitado de governar-se. A religião, outrora elemento conservador e base da sociedade, desprestigiada como está na sociedade atual só poderá recuperar a sua força quando as inteligências se esclarecerem. É necessário despertar o amor à leitura e ao estudo, porque sem ele tudo quanto se fizer redundará em vão. (Lopes, 1978, p. 37)

Tudo indica que, dos doze números pensados para a "Biblioteca Brasílica", saíram apenas cinco, pois a segunda fase da *Minerva* teve apenas doze números.

Os números 1, 3, 5, 7, 9, 11 e 12 constituem edições regulares do jornal e formam o volume III. Os números 2, 4, 6, 8 e 10 constituem exemplares da "Biblioteca Brasílica". Destes, há notícia da publicação dos números 2, 4, 6 e 8, no livro de Hélio Lopes.

No número 2, de 01 de dezembro de 1844, saem a "Introdução" à "Biblioteca Brasílica" e o poema *O Uruguay*, de Basílio da Gama, então em sua quarta edição, seguido do texto "Breve notícia sobre a vida de José Basílio da Gama". Tanto a introdução, quanto a breve notícia são assinadas por Santiago Nunes Ribeiro.

Na "Introdução", Santiago Nunes Ribeiro, segundo Ivan Teixeira, procura desautorizar a cultura do Iluminismo, cuja ausência de espírito religioso teria esterilizado a literatura. Para suprir tal lacuna, propõe editar textos fundados numa cultura regeneradora da religião e da noção de pátria. Este último era então um conceito recente entre os brasileiros. (1996, p.135)

"Breve notícia sobre a vida de José Basílio da Gama", de acordo com Ivan Teixeira, possui algum valor histórico, pois é uma versão modificada da primeira biografia de Basílio da Gama, publicada anonimamente na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e, 1839 (t. I, n° 2, p. 152-155). Nessa versão de Santiago Nunes Ribeiro, estão incorretas as datas de nascimento e de morte do poeta. Contém, igualmente, alguns lances de imaginação romântica. Além disso, consolida o mito de que Basílio teria retornado ao Brasil depois da queda de Pombal e, aqui, fundado uma arcádia literária. Ademais, há um outro desencontro importante nas informações dessa biografia. O texto afirma que Basílio da Gama passou a ser protegido pelo Marquês de Pombal por causa de seus poemas em homenagem à inauguração da estátua de D. José I, em 1775. O contato entre ambos só pode ter ocorrido antes da publicação do Epitáfio da Excelentíssima Senhora D. Maria Amália e de O Uruguay, em 1769. Por outro lado, há nessas notas biográficas, a informação correta de que o poeta permaneceria fiel ao Marquês de Pombal depois da Vira-deira, oferecendo-lhe versos de gratidão e estima. Esse informe se tornaria lugar-comum na defesa do poeta contra a pecha de interesseiro. Observa-se também no texto o belo achado crítico, que consiste na associação de O Uruguay com o espírito nativista do soneto dedicado a Tupac Amaru, índio peruano que se esforçou por defender seu povo contra a violência sanguinária dos espanhóis. No final da "notícia", o autor transcreve esse soneto de Basílio, cujo primeiro verso é: "Dos curvos arcos, açoiando os ares". (1996, p. 135)

Nesta edição, excluiu-se o soneto de abertura, dedicado ao conde de Oeiras, futuro Marquês de Pombal, o que, no dizer de Ivan Teixeira, indica o propósito de atenuar em O Uruguay as origens européias e cortesãs, para intensificar nele a condição americana e nativista. Em lugar semelhante daquele soneto (abertura do volume), Nunes Ribeiro fez imprimir um outro, "A Tupac Amaru", em que Basílio exalta o heroísmo de um indígena americano diante da invasão espanhola. (1996, p. 123-124)

Basílio é apresentado como um representante precoce da resistência americana ante o domínio europeu. O símbolo literário superava o engajamento ideológico, inscrevendo para sempre o poema no rol das verdadeiras realizações artísticas. Essa atmosfera de euforia pela formação de um paideuma literário nacional levou a Minerva Brasiliense (Jornal de Ciências, Letras e Artes, publicado por uma Associação de Literatos, Rio de Janeiro, Tipografia de J.E.S. Cabral, 1843-1844) a editar O Uruguay como a obra inaugural de sua Biblioteca Brasílica, ou coleção de obras originais, ou traduzidas de autores célebres. (1996, p. 134)

Além disso, a edição da "Biblioteca Brasílica" desdenha todo o aparato formal que lembrava as origens encomiásticas e européias do poema, eliminando as epígrafes virgilianas, as vinhetas de feição seicentista, o so-

neto ao conde de Oeiras e os dois sonetos finais em homenagem ao poeta. Em vez da abertura encomiástica e lusitana da edição original, a quarta edição de O Uruguay apresenta dois textos moralizantes e instrutivos, de feição pequeno-burguesa, objetivando divulgar conceitos e noções consagradas pelo Romantismo nacional. (1996, p. 134)

O número 4, de 01 de janeiro de 1845, publicou um opúsculo do carioca Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, autor do texto *Do estado conjugal, discurso político e moral*, dedicado ao Marquês de Pombal. Como o texto ocupasse apenas vinte e quatro páginas, é publicada também a tradução de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, de seis capítulos iniciais do conto *O Morgado*, de Hoffmann, preenchendo-se assim as cinquenta e seis páginas necessárias para a edição do volume. Santiago Nunes Ribeiro justifica a publicação do opúsculo, por constituir-se numa raridade, e do conto de Hoffmann, pelo juízo de valor de Walter Scott que considera *O Morgado* uma obra prima do conto fantástico.

O número 6, de 01 de fevereiro de 1845, dá continuidade à publicação da tradução de *O Morgado*. Saem os capítulos VII até o XXI, com uma Conclusão.

O número 8, de 01 de março de 1845, publica as *Cartas Chilenas*, de Tomás Antonio Gonzaga. Trata-se da primeira edição do poema satírico. Edição incompleta, pois constou de apenas sete cartas, o que não acontece com a edição de 1863, de Francisco Luís Saturnino da Veiga e H. Laemert que publicam onze cartas completas e mais os fragmentos de duas outras.

Hélio Lopes chama a atenção para a nota de Santiago Nunes Ribeiro, aí publicada, onde ele antecipa a importância do método comparativo estilístico, ao sugerir-lo para solucionar o problema da autoria do poema. Confiando no possuidor do texto, Francisco das Chagas Ribeiro, pai de Francisco Bernardino Ribeiro, Santiago Nunes Ribeiro atribui os créditos das *Cartas Chilenas* a Tomás Antonio Gonzaga.

Sobre as Cartas, diz Santiago Nunes Ribeiro:

(...) estas cartas merecem a atenção dos poetas e amadores da poesia não só pelo seu merecimento intrínseco, mas por serem atribuídas ao célebre autor de *Marília de Dirceu*. Aos críticos pertence examinar-lhes o estilo, a feitura métrica, o balanço e movimento do período poético, e ver se esta e outras qualidades são análogas às de igual gênero, peculiares ao poeta, nas suas obras genuínas e autenticadas por todas as provas exigíveis. Cotejar, pois, estas cartas no fraseado, maneira e textura rítmica das líras seria um trabalho curioso, e mostraria em quem o fizesse cabalmente, um grande conhecimento da língua, dos estilos e locuções harmônicas da poesia. (Lopes, 1978, p. 38-39)

Do número 10, não se tem notícia. É provável que tenha saído em 01 de abril de 1845, pois o *Minerva Brasiliense* existiu até o número 12.

Em 15 de abril de 1845, sai o número 11, no qual Santiago Nunes Ribeiro traduz e publica a Nota à 8ª edição de *Nossa Senhora de Paris*, de Victor Hugo, e promete, para os próximos números, a publicação de sua tradução deste romance.

Após um intervalo de dois meses, é publicado no dia 15 de junho de 1845, o número 12, que, curiosamente, circulou no formato dos números ímpares, encerrando a segunda e última fase do *Minerva Brasiliense*.

Em dezembro de 1845, um antigo colaborador do jornal, o peruano D. José Manuel Valdez y Palácios, autor do livro *Viagem da cidade de Cusco ao Grã-Pará pelos rios Vilcamayo, Ucayli e Amazonas*, resenhado por Santiago Nunes Ribeiro, no número 17, da primeira fase do *Minerva Brasiliense*, resolve editar um jornal que lhe desse continuidade, criando assim *A Nova Minerva*, que teve a duração de seis meses.

Nesta que poderia ter sido a terceira fase do *Minerva Brasiliense*, circularam vinte e quatro exemplares de 16 a 20 páginas. O jornal era semanal e apresentava-se como um periódico dedicado também às ciências, às artes e à literatura e aos costumes.

Conforme se pode observar, a presença do chileno Santiago Nunes Ribeiro nas duas fases do jornal *Minerva Brasiliense* é marcante. Parece que ele funcionou como uma espécie de mentor intelectual de sua geração. Sua personalidade marcante e o fato de ter publicado a maior parte de seus textos no *Minerva Brasiliense* me levam a dizer que falar de Santiago Nunes Ribeiro é falar deste periódico.

Nos trinta e um exemplares das duas fases do *Minerva Brasiliense*, encontrei vinte e sete textos assinados por Santiago Nunes Ribeiro, distribuídos nas seções que se seguem:

a) Editorial:

1. *A Minerva Brasiliense no seu 2º Ano. O Brasil insultado pela Revista dos Dois Mundos. Aos nossos colaboradores e assinantes.*

Vol. II, nº 22, de 15 de setembro de 1844, p. 667-668.

2. *Introdução. Grandes fases da civilização brasileira: antecedentes e caráter dos progressos literários e sociais: jornalismo: novas vistas da Minerva, etc.*

Vol. III, 2º Ano, nº 1, de 15 de novembro de 1844, p. 1-4.

3. *Abertura do Ateneu.*

Vol. III, 2º Ano, nº 1, de 15 de novembro de 1844, p. 4.

b) Variedades:

1. *Um concerto monstro em 1615.*

Vol. I, nº 7, de 1 de fevereiro de 1844, p. 221-222.

2. *Bibliografia. Viagem da cidade do Cusco ao Grã-Pará pelos rios Vilcaymayo, Ucayli e Amazonas, por Dr. José Manuel Valdez y Palacios, 1842.*

Vol. II, nº 17, de 1 de julho de 1844, p. 533-535.

3. *Ateneu Fluminense.*

Vol. II, nº 22, de 15 de setembro de 1844, p. 727.

c) Belas-Artes:

1. *Prière a Dieu por son Altesse Impériale. Poésie d'Émile Adet et musique de Noronha. Rio de Janeiro, 11 de março de 1844. (Aniversário de S.A.J.).*

Vol. I, nº 10, de 15 de março de 1843, p. 311-313.

2. *Belas Artes. A dança entre os antigos e modernos.*

Vol. III, 2º Ano, nº 1, de 15 de novembro de 1844, p. 23-26.

d) Ciências:

1. *Relatório do Sr. Vereador Gabriel Getúlio sobre o número de casas de negócio e oficinas existentes neste município, apresentado à ilustríssima Câmara Municipal.*

Vol. I, nº 9, de 1 de março de 1844, p. 256-261.

2. *Concurso à cadeira de Filosofia.*

Vol. II, nº 18, de 15 de julho de 1844, p. 547-550.

3. *Concurso à cadeira de Filosofia.*

Vol. II, nº 20, de 15 de agosto de 1844, p. 609-614.

4. *Gramática latina e portuguesa.*

Vol. II, nº 20, de 15 de agosto de 1844, p. 614.

5. *Concurso à cadeira de Filosofia.*

Vol. II, nº 21, de 1 de setembro de 1844, p. 642-647.

e) História:

1. *História. (1º de novembro de 1844). Comemoração do horroroso e para sempre memorável terremoto do 1º de novembro de 1755, que destruiu em grande parte a cidade de Lisboa.*

Vol. III, 2º Ano, nº 1, de 15 de novembro de 1844, p. 15-19.

f) Literatura:

1. *Da nacionalidade da literatura brasileira.*

Vol. I, nº 1, de 1 de novembro de 1843, p. 7-22.

2. *Fragmentos de um poema intitulado Inauguração do Quinto Império. O novo século.*

Vol. I, nº 2, de 15 de novembro de 1843, p. 47-50.

3. *Outro fragmento da mesma composição. Napoleão e o Senhor D. Pedro I.*

Vol. I, nº 2, de 15 de novembro de 1843, p. 50-51.

4. *Parnaso Brasileiro ou Seleção de poesias dos melhores poetas brasileiros, desde o descobrimento do Brasil, precedida de uma Introdução histórica e biográfica sobre a Literatura Brasileira, por J. M. P. da Silva. Em casa de Ed. e Henr. Laemmert.*

Vol. I, nº 2, de 15 de novembro de 1843, p. 53-54.

5. *Da nacionalidade da literatura brasileira.*

Vol. I, nº 4, de 15 de dezembro de 1843, p. 111-115.

6. *Nota de rodapé assinada por Santiago Nunes Ribeiro a respeito do poeta romântico A. G. Teixeira e Sousa, quando da publicação de um fragmento do poema. Três dias de um noivado.*

Vol. I, nº 5, de 1 de janeiro de 1844, p. 137.

7. *A saudade e a despedida (Fragmento. – 1837).*

Vol. I, nº 9, de 1 de março de 1844, p. 276-277.

8. *O dia 6 de abril de 1831. (Fragmentos de um poema).*

Vol. II, nº 13, de 1 de maio de 1844, p. 400.

9. *O dia 7 de abril de 1831.*

Vol. II, nº 13, de 1 de maio de 1844, p. 400-402.

10. *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.*

Vol. II, nº 14, de 15 de maio, de 1844, p. 415.

11. *Biografia. O Dr. Francisco Bernardino Ribeiro.*

Vol. II, nº 18, de 15 de julho de 1844, p. 566-568.

12. *Ao belo sexo em geral e às senhoras brasileira em geral.*

Vol. III, 2º Ano, nº 1, de 15 de novembro de 1844, p. 22-23.

13. *Nossa Senhora de Paris, por Victor Hugo.*

Vol. III, 2º Ano, nº 11, de 15 de abril de 1845.

Como crítico, Santiago Nunes Ribeiro se notabilizou como autor do ensaio "Da nacionalidade da literatura brasileira", espécie de manifesto do *Minerva*, em defesa da nacionalidade e da originalidade da literatura brasileira, publicado no primeiro número do jornal, datado de 01 de novembro de 1843, e que teve uma seqüência num outro de mesmo título, publicado no número 4, do dia 15 de dezembro do mesmo ano.

O ensaio procura responder às provocações feitas pelo General José Inácio de Abreu e Lima, no capítulo intitulado "Nosso estado intelectual", do livro *Bosquejo histórico, político e literário do Brasil* e pelo publicista português José da Gama e Castro, colaborador do *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, entre 1839 e 1842, quando saiu do Brasil.

O primeiro era pernambucano e responsabilizava o atraso cultural do Brasil à má colonização dos portugueses e à idêntica situação de inferioridade intelectual que caracterizava a Metrópole. O segundo assinando-se "Um Português", em dois artigos, estudou os inventos portugueses, *no intuito de reivindicar para os seus patrícios, numerosas invenções que eram habitualmente atribuídas a filhos de outros países, e incluiu entre os portugueses o brasileiro Bartolomeu de Gusmão*. (Coutinho, 1968, p. 27)

A polêmica que se estabeleceu entre os três e que acabou contando com a participação de outros críticos do *Minerva Brasiliense*, dentre eles Joaquim Norberto de Sousa e Silva, ficou conhecida como "a polêmica da *Minerva Brasiliense*", e foi graças a este episódio que os pesquisadores da história da crítica literária brasileira de um modo geral tomaram conhecimento da existência de Santiago Nunes Ribeiro.

Os demais textos críticos são resenhas, biografias e textos voltados para a afirmação da identidade da literatura brasileira, em geral respondendo a provocações de textos de terceiros publicados em outros periódicos.

Como poeta, escreveu poemas medíocres. Os cinco poemas publicados no *Minerva Brasiliense* são fragmentos de um poema épico intitulado *Inauguração do Quinto Império*, que não se sabe se chegou a concluir. Alimentado pela idéia plantada por Antonio Vieira na *História do Futuro*, de que o império português sucederia ao império dos romanos como quinto império do mundo, Santiago Nunes Ribeiro, com entusiasmo monarquista e forte sentimento nacionalista, tenta concretizar no poema a existência deste quinto império no Brasil, e no fragmento *Napoleão e o Senhor D. Pedro I*, além de equiparar o primeiro ao segundo anuncia o surgimento na América, no Brasil, do quinto império, com a morte do monarca francês.

Quanto ao texto de Santiago Nunes Ribeiro localizado no jornal *O Mercantil*, trata-se de um discurso intitulado "Oração", publicado na seção *Publicações a pedido*, do referido jornal, nos dias 18, 19 e 21 de janeiro de 1845, cujo subtítulo contém a informação que se segue: *Recitado na*

augusta presença de S. M. o Imperador, por ocasião da solene distribuição dos prêmios do imperial colégio de Pedro II, no dia 9 de dezembro de 1844, por Santiago Nunes Ribeiro, professor interino de Filosofia, Retórica e Poética no mesmo colégio, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Histórico de França, etc.

Conforme se pode observar pelo título, o discurso tem o tom encomiástico e me chamou a atenção pelo fato de nele Santiago Nunes Ribeiro ter emitido algumas opiniões sobre a França consideradas irreverentes e injustas por Emílio Adet, que acabou publicando, durante dois números do *Minerva Brasiliense*, um longo texto intitulado "O último discurso do Sr. Santiago", no qual defende o seu país da deslealdade do crítico brasileiro.

Santiago Nunes Ribeiro, o chileno, escreveu, portanto, poucos textos críticos, por volta de onze textos, no entanto por conta de seu discurso que revela índices de modernidade em relação a questões como língua e linguagem, caráter nacional da literatura brasileira, periodização da história da literatura brasileira e representação (imitação, tradução e tradição literária), teve uma presença marcante na história da crítica literária brasileira.

Concluindo este texto que se quer muito mais uma notícia sobre uma pesquisa em processo, volto a afirmar o que disse em *Santiago Nunes Ribeiro e a nacionalidade da literatura brasileira* (ABRALIC, 1995, p. 545-549): a necessidade urgente de reunir seus textos esparsos para que se possa melhor avaliar a novidade, o arrojo e a acuidade crítica de sua produção.

Referências bibliográficas

- BROCA, Brito. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo: Pólis; Brasília: INL, 1979.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1971, 2 v.
- LOPES, Hêlio. *A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas românticas Minerva Brasiliense (1843-1845) e Guanabara (1849-1856)*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.
- MINERVA BRASILIENSE, *Jornal de Ciências, Letras e Artes*. Vols. I e II. Rio de Janeiro: Tipografia de J.E.S. Cabral, 1843-1844.
- . Vol. III. Rio de Janeiro: Tipografia Austral, 1944-1945.
- O MERCANTIL. Rio de Janeiro, 1844-1847.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins, 3. ed., 1983.
- TEIXEIRA, Ivan. *Obras poéticas de Basílio da Gama: Ensaio e edição crítica de Ivan Teixeira*. São Paulo: EDUSP, 1996.